



Paleontologia em Destaque

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

Edição Especial - Julho/2017

XXV Congresso Brasileiro de Paleontologia Ribeirão Preto-SP

17 a 21 de
Julho de 2017

*Vida no tempo profundo
a evolução através dos fósseis*



Boletim de Resumos



***Paleontologia
em Destaque***

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia
ISSN 1807-2550

Ano 32 – Edição Especial



Ribeirão Preto – Junho/2017

PTERIDOSPERMA CISULARIANA DO MEMBRO SIDERÓPOLIS, FORMAÇÃO RIO BONITO, BACIA DO PARANÁ, CRICIÚMA, SANTA CATARINA, BRASIL.

MARY E. BERNARDES-DE-OLIVEIRA¹ & ISABEL C. CHRISTIANO-DE-SOUZA¹

maryeliz@usp.br; isabel.souza@usp.br

A Formação Rio Bonito apresenta conteúdo paleobotânico diverso, em numerosas ocorrências macrofita-fossilíferas neopaleozoicas gondvânicas da Bacia do Paraná. Essa riqueza está relacionada a um clima mais ameno após longo período de glaciações, com vegetação diversificada, e de fossilização favorável. Entre as camadas carvoeiras da porção superior do Membro Siderópolis, SC, está a camada Irapuá, com fósseis de Sphenopsida, Filicopsida, Pteridophylla, Pteridospermopsida, Cordaitopsida e Coniferopsida. Dentre essas formas destaca-se uma descrita por Dolianiti (1946 – DNPM Notas Preliminares e Estudos, 34:1-6) como (?) *Cyclopitys dichotoma* Feistm., posteriormente reclassificada por Dolianiti (1948 – DNPM Boletim, 123:1-87) como *Psymgophyllum* sp. ou (?) *Bayera* sp., e pelo mesmo autor como *Actinopteris bengalensis* Feistm. (1953 – DNPM Notas Preliminares e Estudos, 62:1-3). Barbosa (1958 – Congreso Geológico Internacional, XXa sesión, 205-236) sinonimizou essa forma como *Barakaria dichotoma* (Feistm.) Seward & Sahni. Em 1962, Rigby (Proc. Linn. Soc., N.S.W. 86 (3): 299-304) recombinau essa forma em *Raniganjia bengalensis* (Feistm.) Rigby. Posteriormente, Rigby (1969 – Bol. Paran. de Geocien. 27:111-122) novamente recombinau a forma brasileira como (*Rhodea cricumana* Rigby. Millan (1972 – Tese de doutoramento, IGc-USP) atribuindo-lhe afinidade ginkgoaleana, a reclassificou como *Ginkgophyllum* sp.. Então, Archangelsky & Arrondo (1974 – Ameghiniana, XI(4): 357-365) recombinau a forma para *Ginkgophyllum cricumensis* (Rigby) Archangelsky & Arrondo. Após preparação mecânica das amostras da coleção do IGc-USP (DGP 7/1043, GP3T-154, GP3T-156, GP3T-166, GP3T-173) e do DNPM (774, 776, 810), estas foram observadas sob estereomicroscópio Wild, desenhadas em

câmara clara, mensuradas com paquímetro e comparadas com a literatura paleobotânica pertinente. Foi constatado que se tratam de pinas de frondes e não de folhas, e essas apresentam algumas semelhanças com o gênero *Angaridium* Zalessky, (uma fronde de Pteridospermae, da classe Lyginopteridopsida Novak, ordem Callistophytales Rothwell) encontrado em afloramentos eopermianos dos montes Urais e em outras localidades pensilvanianas da Sibéria. Os caracteres semelhantes são frondes bipinadas, com pínulas dissecadas decorrentes, sobre a raque da pina. No entanto, os espécimes brasileiros apresentam pinas com raque sinuosa, portando pínulas próximas umas das outras, segmentos mais soldados entre si e provavelmente mais rígidos, não evidenciando a multivenação dos segmentos de *Angaridium*, o que poderia caracterizar um novo gênero.

Sessão:
Biotas e ecossistemas do Paleozoico

¹Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, Brasil.